

Vida Intima.

Muitos com Deus que são

I.º Confissão dos

almas -

II.º Sobre a Mysteria

60.
Resp. São os charismas da graça.

LM. 0106

As graças, por isso mesmo que são
qualidades dos reus, com quanto a sua origem
não se differenciem umas das outras; com-
tudo differem umas das outras, quantas
aos charismas ~~anexas~~ annexas e as fins
pelas quaes não são carecedoras; assim como
differem os sacramentos uns dos outros, em
relação aos fins pelas quaes ^o Christo houve
por bem instituil-os.

Outr. estes charismas que são qualidades
ou bons hábitos, só se manifestam,
quando, pela cooperação ás graças,
nas condições em condições favor-
áveis para os reus.

E estas condições só se verificam,
quando despojadas as nossas almas das
engranhações ou estigmas dos peccados
actuaes, pela força da caridade perfeita,
aumentar a capacidade de nossas
almas. De forma que, quanto maior
for esta capacidade, tanto maiores e
mais numerosas serão as effeições que em
nossas almas produzirão estes charismas,
as quaes constituirão verdadeiros dons pre-
turalmente que differem das graças de
conição mystica, as quaes são não con-
scientes independentemente de nossas esfor-
ços e actividade.
E são estes dons, em virtude dos quaes o ho-
mem adquire sobre si mesmo e sobre
as suas paixões um pleno dominio, tor-
nando-o sereno, tranquilo, prudente, paciente,
soffridor e compassivo e marcado
de coraço e sempre igual a si mesmo
na meio das maiores contrarietades e

Cap. 50. Quas species de graças.

A graça, como vimos, é um dom gratuito de Deus, o qual nos é concedido pelos merecimentos de J. Christo, com relação à nossa salvação.

3

Divide-se em graças naturais e sobrenaturais, segundo que se referem à natureza ou sobrenaturais.

Primeira, são graças naturais, a vida, a saúde, as leis das passões morais, phisicas e intellectuales, o bom espirito, o fundo do bem e a pratica das virtudes.

São graças sobrenaturais, as que nos são concedidas em provento da nossa justificação, a pravitamente e espirital e a salvação de nossas almas.

As graças sobrenaturais dividem-se em externas e internas, as externas abraçam todos os recursos externos que nos incitam e conduzem a pratica do bem e a fuga das occasiões de pecar, tais como a fé, o Sacramento da Egreja, as exhortações dos pastores, os bons exemplos dos Santos e das almas sinceramente piedosas, etc.

As graças sobrenaturais internas, são as que tocam a interior de nossas almas, inspirando-nos pensamentos e sentimentos piadosos e o desejo de praticar, mas o bem e fugirmos do mal. Entre estas graças sobrenaturais, ha algumas que nos são concedidas para nossa santificação e utilidade propria, ha outras, porém, que nos são concedidas para a gloria

5
de muitas outras graças

concedidas e subsequentes a graça
santificante ^{que os expunha} em augmento da mesma,
e são estes estygnos, ^{que os expunha} que ^{no intimo} instigam
o individuo ao mal, com mais força
unida do que antes, porque agora
pela lembrança das iniquidades e empecios
experimentados, constituem um ^{em mais ineluctável} como
necessario dos estygnos ^{em mais ineluctável} hũa
mas de nossos primeiros pais.

E aqui tendo a razão porque muitas
pessoas, alias piedosas e coraçoas
a Deus, nunca conseguiram attin-
gir aquelle grau de purificação e união
com Deus que desejavam e possiam
attingir se os estygnos das peccadas
actuaes, tantas vezes, extinguissem a caridade
propria, não vallessem a contaminar
o individuo, avião mesmo depois
de perdidos os seus peccados e parte
da pena temporal devido a elles pelo
sacramento da penitencia.

E aqui tendo tambem a razão porque
aquelles que não contrahiram estes
estygnos por culpa propria; ou se ti-
verem a infelicidade de as contrahir,
remediarem o mal feito, mudando
um acto de continência propria com
a firme propozito de se consagrar
em proxima opportunidade, encon-
tram geralmente, muita facilidade
e satisfação em praticar a virtude
de se em si vencerem.

E assim me vi, e porque se
deixada a actual espinheira da
alma a primitiva, se graça
santificante com todos os seus cha-
rismas amansas, expandir-se de
tal forma que envolva a alma
em uma atmosphera vultuosa
mente celestial.

de Deus e sanctificação das almas; tais como
as milagres, o dom das linguas, das curas,
das profecias, etc.

6

Estes dons não constituem a santidade, muito
embora a revelem; pois a santidade consiste
na caridade perfeita que se manifesta pelas
boas obras e a sanctificação incondicional de
nossa vontade ao divino beneplacito.

A estas graças dá-se o nome de graças,
por antonomasia, gratuitas para dis-
tinguil-as das que nos são dadas para
o nosso proveito espiritual.

A graça, considerada quanto ao seu
modo de operar em nossas almas, di-
videm-se em graça sufficiente
e em graça efficaz.

A primeira é a que, com quanto signi-
ficativa ao fim pelo qual Deus
nos a concede; todavia não sempre
produz o seu effeito, pelo facto de
podamos resistir a ella e deixar de
cooperar.

Não mece assim com a graça
efficaz, porque dispõe Deus as causas,
de tal forma; que, combinando profi-
tamente com as exigencias da nossa
liberdade, a vontade, sem a minima
coacção physica ou moral, se incli-
nará ao bem livremente e espontane-
amente.

E se alguém me perguntar, porque é
que Deus não concede esta graça
a todos? Responderei dizendo que a

pergunta, J. Chito nob. a
 duz, quando, respondendo áquelles tra-
 bathadores evangelicos, que se lamentavam
 porque não haviam recebido mais da
 que as que tinham sido chamadas
 a ultima hora.

Em todo caso podemos dizer, que entre
 outras razões que Deus nosso Senhor terá
 e que a si reserva; elle, as vez, certamente
 concederá esta graça, a, devido a previ-
 são do minto que estas almas favore-
 cidas com esta graça, farão depois
 de convertidas; e que a reger a outras,
 para que ellas, cooperando á graça
 sufficiente, ainda mais mereçam e
 lhe dêem honra e gloria, fazendo assim
 jus a receberem graças ainda maiores
 e mais numerosas. Como notamos na
 vida das santas.

O certo é que se estas almas seiscam de
 cooperar á graça, ellas merecem transi-
 giram com nos faltos e misérias. Con-
 fessam-se arrependidas e não crimi-
 naram nem a Deus nem ao seu pro-
 ximo. São almas puras, das que nos Deus
 se compraz, até esta ponto, vindo-as com-
 batê contra as suas paixões e más
 inclinações. —

faculdade obediencial.

A alma humana possui faculdades as quaes ~~em~~ são naturais, não se con- siderando em si; mas ainda em relação aos seus effectos e aos seus objectos correspondentes.

Ha, porém, uma faculdade que con- quanto seja também natural, porque é inherente a natureza humana; em tudo isto, esta faculdade, quanto aos seus effectos e aos seus objectos correspon- dentes e a causa que a move, não é natural, senão sobrenatural.

A esta faculdade Sta. Thomez dá o nome de "obediencialis", a qual consiste na não repugnancia ou aptidão innata da alma para o exercicio de certos actos que não dependem da sua actividade.

É assim que esta faculdade differ- das outras: 1.^a, porque as naturais só produzem effectos naturais e a obediencial, produz effectos sobre- naturais. 2.^a, porque as primeiras, têm seu fundamento nas causas na- turais, e esta ultima, nas sobrenaturais; porque conquanto seja na- tural em si mesma, a não repug- nancia ou adaptação, em virtude da qual Deus communica á creatura racional uma qualidade ou virtude sobrenatural. Mas esta qualidade que produz certos e determinados effectos, tem seu origem exclusivamente na vontade e no poder de Deus.

É manifestar esta faculdade que Deus communica ás almas que lhe são caras, os seus dons sobrenaturais ex- traordinarios, tais como os dos milag- res, das prophecias, dos visões etc. e da oração de união mystica.

e abstrusidades.

9

Aqui podemos desluzir quam erradas. antea-
mentes fôrmas exigindo de creaturas que, com-
quanto fôrmas, ainda não conseguiram
desprezar as suas almas dos ingrammas ou
estigmas dos peccados actuaes, apresentam
por me, mesmo facto, uma capacidade
amovivel, atez reduzida a quasi que idon-
tica a que apresentavam quando se con-
tinham ou se resolviam a consagrar. 2
indivisamente a Deus.

E se me perguntardes porque razão a
capacidade de uma alma permanece a
mesma ou quasi a mesma; vos direi
que rematadamente é devido a falta
da humidade na pratica das vir-
tudes da humidade e da castidade.
Pois, sem que se preserve estas duas
virtudes pela constante mortificação
do amor proprio e a pratica assidua
na paz tranquilla da pureza
d'alma e do corpo, humunamente
fallando, é impossível que se possa
extinguir as ingrammas ou as stigmas
dos peccados actuaes, da extincção das
quas, potencias fulgar sobre a capacidade
de novas almas com relação a graça
e as chaves das annos. —

Capítulo I Jesus. ^{nos ad}

Y. Christo é o auctor da graça; ^{mas} elle é a mesma graça. E entre os filhos do homem ^{mas} elle é o mais agraciado e contemplado pela graça. Porque, como Filho de Deus, elle é a Pessoa do Verbo divino, por quem tudo quanto existe na ordem natural e sobrenatural foi feito. 10

Como Deus, elle amou desde a eternidade ao seu Pai celestial de cujo amor para com elle, procede o Espirito Santo desde a eternidade.

Como homem, como tanto inferior ao seu Pai celestial, elle é infinitamente superior a nós, não só pelas suas perfeições individuais e humanas, mas além d'isto, porque a sua pessoa é a mesma Pessoa do Verbo divino. E não obstante isto, elle é nossa irmão, porque, mediante a sua Humanidade, nos fez filhos adoptivos de Deus.

Elle é também nosso Salvador, porque, soffrendo como homem, morreu como Deus e livrou-nos do cativeiro de Satanaz.

E eis aqui a razão porque, tendo o homem sido creado por elle e para sua gloria: pelas graças e dons que nos conferiu, nos sentimos inclinados a baseal-o levados por uma necessidade intima, e sentimo-nos inclinados a baseal-o de preferencia pelo amor e no amor.

E é por esta razão que sempre agitamos nos sentimentos, inquietos nelle não repositarmos tranquillamente pela caridade perfeita.

^{psiqui}
A Vida de relação ^{psiqui}psíquica. 1

A vida de relação psíquica, é conti-
nua pelo psichismo superior e inferior,
isto é, pelas orgãos correspondentes a
vida animal e intellectual, consi-
derados em si e com relação à
mutua dependência que existe
entre estes dois psichismos.

Pela simples apprehensão ou percep-
ção, chegamos ao conhecimento
objectivo das causas, capta imagens
ou representações, se conservam
gravadas na memoria sensitiva.
E são estes conhecimentos que com os casos,
pela memoria, constituem a base
da ideação ou a associação das
ideias.

Orá, como vemos, os desordens ou
distúrbios da intelligencia, são pro-
duzidos pelas percepções falsas e ima-
ginarias, pela má associação das
ideias e os caprichos da imaginação.
Pois, todas estas desordens, são em geral
consequencias ou manifestações
da falta de attenção, de reflexão
e do poder motor e inhibitor
da vontade.

Quanto ao regime os factores destas desor-
dens, resumidamente, ellas são devidas
a certos q^{ue} influenciam ^{ou} a intoxicação
dos centros nervosos, ^{que se manifesta} ~~destruição~~
pelo estado de debilitação ou enervação
do systema nervoso, ^{de cuja irregularidade} ~~de~~
constituição, muitas vezes, resultam - e
o systema muscular, ^{em parte hereditária} ~~por~~
a tonicidade muscular não depende
do seu volume ou desenvolvimento,
mas sim da energia ^{normal} do systema ner-
voros.

Sobre a percepção e os seus distúrbios.

As falsas percepções são produzidas pela falta
de attenção necessaria para fixar o obje-
cto correspondente, dando origem occasião
as illusões, i. e., a tomarmos um objecto por
outro, ou a percebemos causas que só exis-
tem na imaginação. É a alucinação,
que differe do delirio propriamente dito,
como peramos a expor.

Sobre a experimentação. (P)

Explicando estancias ou factos que se guem attar-
beir as theorias espirituas, se se admittiam, como
alguns excepções offensivas, que são deus
do purgatorio ou que se fogem sua parte do
seu purgatorio, fora do local do purgatorio,
se poderiam admittir a hypothesis que também
há almas de reprobados, as que se fogem a um
inferno, fora do local, como succede
frequentemente com os angos máis, entre
os que há muitos, segundo S. Paulo, e
que se fogem a um inferno fora do mundo
mas se descrever com um comprehensio
foco arrojado. Segundo, E entre
estes os tais espiritos atropados variam
estes almas dos reprobados, que são a
diversão dos angos máis, que vagam
fora do mundo de Santidade graças a
transmutação, ou manifestam muitos
reys novos e novos espiritos. Porque
entre estes almas que se manifestam
há, grande e a sua ignorancia
muitos reys, e os seus maus
trabalhos, e o resto - e o resto, pelo q.
dizem e fogem, que são almas de ar-
tistas, que com a sua terra aparentemente
estão os reprobados, mas inclinados a
viduagem com relação a Deus, ou talvez
se são uns outros. São os que
e que são os caros mortos q. têm
antes de morrerem e os q. se guem
cuja alma se de supplicios eternos,
são proprios outros, e q. como os
músicos e outros praxerem recitall-los
e como os q. se guem por um
procuram também fustos e que
são de a actua sobre a terra com
e sobre de praxerem. E que são estes
reys que se guem manifestam, se
em sua f. e ambiente offensa e
sua vida e offensa. Quando
a mais máis, um mesmo estas com
de reprobados, e os caros mortos e fustos
que se guem se guem manifestam (e os
fustos e almas dos reprobados se guem
sua os caros e q. se guem uniform
sua fustos por sua caros praxerem
ou talvez sobre q. se guem a os
reprobados. Segundo E os muitos

Um falso supposto em que estar os
foris e com o qual os dirigentes
no ministrio parece concordar

Eu me refiro a um antigo
de fides com relação aos representantes
da religião, tanto na administração
dos sacramentos, na direcção e abso-
luição de missas e agremiações e paróquias.

Podem tratar com os pastores sobre
os seus apogeo a qualquer negotio
ou abstracção auctoria de delicadeza e
que baseada nos canones de Egreja, e
se que elles consideram os pastores como
um empregado subalterno de qualquer
república publica. E não raro se
desta natureza de vir ao bispo e

inferior, como um alto
tudo ao padre de rector de ou-
tra quinquena ao Bispo ou

gostar a questão pela inferno.
E a abrigar nesses occasiões que
permittam a piedade calma dos
pastores, e auctoridade nos e missas

para com a Egreja, a religião
e a moralidade e meios de salvação,
e por ventura com alguma força
agressiva, que dependa que os
uns em muitos em locais sagrados
deviam necessariamente uer-
tute recessos por parte dos pastores
como não raro se tem recebido
para expulsores os missionários de Egreja
de são pias de missionários. E em por
esse mesmo, missoes de tanta de
indivíduos que occupam alguma
posição em sociedade ou estado
político do partido de um partido,
aí! de padre, por muitos que
sejam os regas que elle tenha, e
seja tida como um presidente e
falso de entes, e de muitos de um
immediatamente ao menos no
proximo opportunity de accordo
com a presumpção de dirigente ecle-
siastica.

Se o padre não se abste de gestões
de um homem secular, distribuir
gentilezas as naturas e naturas, e
videndo as e aos seus elos, e
cartas e correspondencias de pastores
por occasião de um conversação
natural ou anormal. E um
padre que não deve poder exercer
o magisterio de doutrina, se com a com

Contra illusionarios.

É incontável que muitas vontades e sentimentos capazes de affectar afeições de novas almas miram pelas entidades do nosso corpo. Não obstante isto, tais conhecimentos, quando em algumas vezes tão bem guardados em nosso psychismo superior, que só bem os pode conhecer. É em tais condições podemos affirmar que nosso eu como que se divide, porque o que as faculdades mais nobres de novas almas não ignoram, as menos nobres que são as dos sentidos do nosso corpo ignoram.

Esta ignorância e conhecimento são tão necessárias com relação a certos actos, que na nós conhecemos, podemos nos despor e expande, purgar. Porque se confiar, nos o respeito aos nossos sentidos, elles interpretam o momento e revelam. É um segredo revelado do qual se funda a nossa estabilidade, no bom caminho, é possível que nos venha a servir e nos clare, pelas novas conhecimentos que nos vemos pelas entidades, as que nos ajudam a bases do edificio da proficção, talvez sobre as ruínas de uma prisão grandeza, seja um novo edificio, em cuja construção a parte menos nobre de nosso alma, e o que a mais nobre predomina ter conhecimento, sem sempre, possa reagir. É por este motivo que J. E. recorre a uma que quando fôrmos um

deve ignorar. Porque a mulher
quase que representa a parte menor,
nobre de nossa alma. Se tiver conhe-
cimento de que fez a direita isto é,
a parte mais nobre de nossa alma,
toda o merito da boa accão desap-
parece, porque em vez do officio
de amor para com Deus e o proxi-
mo, surge o do amor proprio e o
da vanidade.

Esta inclinação para manifestar o
deusmas, conservar em segredo a
parte mais nobre de nossas almas,
ainda mesmo com relação a nossa
individualidade, que por motivos
fúteis, revestidas de sentimento de
pudade mal intencida, costumam
nos a confiar aos que nos
noticiam e que por calculos ou
realmente ~~tem de nos~~ mostram
tudo em alto conceito.

Até fôr como bem se vê isto
não para muito de um resultad-
o ignorancia, da falta de conhe-
cimento de si proprio, ou reflexo
quero como proprio, a ignorancia,
ou de um estado que se ca-
racterisa as fúrias superticio-
sas e neuropticas.

É neste período que encontramos
os geminos representados dos
arctos, eccentricos e misticos
illusionarios.

// De encantamiento

Capitulo XVIII. Nantagenes la Castidade.

As pessoas que, por motivos suberri-
tanos, conseguiram permanecer virgens, e
tendo tido e qualquer acção continua a
virtude da castidade; as que tendo pecca-
ricado por pensamentos, palavras ou obras,
chegaram pela penitencia e a fuga das
ocasiões, a recuperar o seu primitivo
estado de graça e ^{de} innocencia baptis-
mal, gozarão da paz e tranquillidade
de espirito que gozam as limpas de co-
rreção.

E aquellas que soffrem, por um motivo
 contrario e tem fe', não devem desanimar,
 subtituda se nutrem um desejo ardente
 de se livrarem dos vinculos da materia.
 Confiem em Deus e recorram sempre a
 elle e á sua Santa Mãe, nas occasiões
 opportunas, procedendo em pratica, como
 se tudo dependesse da proprio efforço
 e actividade. Porque, é de fe', que
 quem fez o que pede e coopera á
 graça, Deus não lhe negará as au-
 xilios necessarios para que triun-
 phe de seus paizões e vícios in-
 stinctos.

Estinckes.
Muitas santas que hoje vemos,
nos, passaram por estas duras
provações; mas porque se conforma-
ram com as santas e racionais
exigências da justiça christã, con-
tinuam santificando as suas almas e
elevaram-se a tal grau de união
com Deus, que mereceram, depois de
mortos, as honras de nossos altares.

Amor e illusão. Prologo.

Oh! quanto illusão nos projecta mundo
com ilusão ao que amamos e amadas vezes
aparecem-nos morte. Elle porém que amamos,
mas no entanto não amamos; porque
desconhecemos a que amamos.

O outro ingenuo não se illude e o que resulta
da falta de conhecimento de si proprio.
Porque reconhecer, e depois se deixar enganar,
forças que de si emerge o amor de que em
amor, e talvez assim illusão ainda maior
do que a primeira, que fôrta-se si poder
conhecer para não deusdasse quasi
sempre fatalmente simplificado.

Muita illusão cabem todos, e todas
conhecemos quem fomos e quem
queremos.

Os outros seres illudidos que não se
conhecem que não conhecem, seria luctuoso
para todos os habitantes de nossa
afflicção a ^{total} ignorancia em que geralmente
se acham os que amamos; isto é, ^{amam} ^{amam} ^{amam}
sem que conhecemos e desejamos
se pelo facto de amarmos e serem retidos,
e que por consequente esta garantia de
a não fôrta-se; agora não alcançando
que se pensam q' por mais interior
que seja o affecto, pelo mesmo
facto de desconhecimentos e por isso
nos amos, e conhecemos fôrta-se que
nos amos e por isso se retidos e nos amos
tribuído sempre amor e morte qual
são do affecto. E são estas duas illusões
das quais se theorias podemos pressentir,
mas se não pratica ser-vos não infôrta;
nã; porque a natureza a lucto e a
perfeição do amor, que não se conhece
de profunda ingenuidade e coragem segredos
e se amamos emballados por esta dupla
dobra illusão?

Se nos fosse dada a certeza de quem amamos
amamos, e certo q' não amamos
e quem nos amamos pelo facto de estarmos
desconhecidos e conhecemos, pois não ha
quem amos que se fôrta-se da natureza.
Se nos fosse dada a certeza de quem amamos
e quem nos amamos pelo facto de estarmos
desconhecidos e conhecemos, pois não ha
quem amos que se fôrta-se da natureza.

[illegible]

E eis ahi a razão pela qual, embora
sejam as necessidades de respeito, não nos
é possível encontrarmos nos
entranhas um objecto com o qual
possamos amar-nos e desprezarmos
inequivocally. E' isto porque não é possível
preocupar-se pela própria dignidade,

A Viva de L. Maccoy

a quel affogamos, e sem aquil
 a distancia com liberdade as creaturas
 e as bestas, por fazerem bem
 pelo estomodo de concupiscencia;
 liberdade que longe das ri
 bradas contrahem por em cada um
 mais nos naturalizar, n'elles
 a lei de Deus nos nos irrita
 nos. Como infelizmente vemos
 nos lugares por abstracção,
 ar de mesmo entre aquellas aves
 pelo virente, de creatura morosa
 que ahi se se amorem em
 um amor servilidade das galas de
 amor espartaco.

Aqui, portanto, de um modo contrário
 ao verbo ultima clausula,
 não é uma espécie ou privação
 de Deus; é uma prisão, um
 devoto, uma religião in-
 compatível com a verdade
 por religião e prisão
 sempre tão comum
 em constituição e
 um exemplo de proceder
 contrário ao verbo, revela
 sempre uma falsa com-
 ynhemência de religião, uma
 prisão e prisão
 prisão, ou como geral
 muito mais do que um indi-
 viduo religioso, os que
 não são ou mais bem
 do que a religião por terra
 e a prisão geral, que
 um amor próprio, o seu
 temperamento ou ignorância
 não se sabe seus pontos
 não são abastados como se
 não fossem a
 perfeição cristã.

2º e 3º. pueri rante abramy
 cum ipso creaturas de en
 a antea nro, aduocato
 pto abnata religio;
 pto confusio et con
 vultus evangelicos, cum
 a perfectio christa pto
 latendi scijs deo no
 minus in substantia,
 se probum ducunt a hys
 in f. nroiam pto as expiis
 sy f. as educam; pto
 nris tunc expiis
 f. nra incompatiel cu
 a nro etate, erguam de
 tate a probum a car
 re nra tropu tto cum
 etate nra religio. 2º ap
 dicitur nra, aqelles bñs creat
 s'm a dñto nro, nra
 inculam a nra etas cu
 regular, quod a bñs creat
 pto nra pto nra.

Viver somente da vida do
espírito sem cogitar no
do corpo; viver sem cogitar
no bem racional do corpo,
para só viver pensando
no bem estar espiritual do
alma; viver somente falando
cogitar sobre a superfície
do livro da vida do espírito,
quando elle ainda presen-
ta a corrupção do corpo,
para se elevar até a Deus
na intenção de viver em
deus da vida do espírito;
são factos que se observamos
em vida dos santos, ~~em~~
mas estes factos que lemos
na vida dos santos não são
escripta para que os imitá-
mos, mas as admirarmos,
e nos admirarmos, a praticar
a virtude seguindo o caminho
da profecia christã, pela pra-
tica das virtudes, a mortifi-
cação e a união de nossa
natureza ao divino simplicity.
São factos de lei em a Igreja
prohibida a usar alguma a
nos em o abuso e a in-
usa. É a pobreza material
que apaga de nos inculcar
a mortificação e a disciplina
do bem material deste mundo,
beate pauper spiritus. elle é a
premião a nos depois que
nos dividirmos honestamente
já que somos um composto
do alma e corpo; pois apri-
camos a alma bem superior
do desejando, refocellar, do
recusando santamente, assimtudo
que corpo inferiormente pelo a
alma.

A ~~consciencia individual~~ ^{ff} ~~consciencia~~
 - A consciencia psychica constitue
 o individuo em todas suas ma-
 nifestações revent. físicas e artísticas;
 porém, sua consciencia religiosa
 produz a constituição e harmonia moral.
 Tal. n. for. físico as suas crenças,
 fallos como também a sua moral.
 É esta a parte falante predi. cat. a
 na em todos os aspectos de sua activi-
 dade humana. Corp. e alma nas
 sciences nas artes, em moral
 etc. etc. de record. com as suas
 crenças.

[illegible]

vacuus.
 O' autem, vero curricula ista
 que sunt formata a me
 cursum meum religiosum
 sub basi, falsis, etiam
 per proposita etiam in ista
 prout, etiam nos meum
 error de primis, et in
 etiam in istis primis, per
 prout transformis. et in
 prout, et in istis
 grandes apertis religiosis,
 que corrigi debent magis
 et prout, et in istis
 prout nos prout prout
 de omni falsis cursum meum
 et in istis prout

return, subject to the above
to the committee.

The committee on the subject of the
proposed amendment to the
constitution of the State, have the
honor to acknowledge the receipt of
the report of the committee on the
subject of the proposed amendment to
the constitution of the State, and
to state that they have considered the
same, and are of the opinion that the
proposed amendment is not
advisable, and that the
constitution of the State should
remain as it is.

Capitulo II O Santo.

^{Introdução}
 J. Christo, nosso adoravel Redemptor, é o Santo por excellencia; antes, elle é a mesma Santidade, para a qual, todas as santos no céu e na terra, têm voltadas as suas vistas.

Elle é, não só o Santo por excellencia, contemplado como Deus, porque é a Penha do Verbo divino; mas ainda, contemplado como homem, porque é o mais perfeito e formoso entre os filhos dos homens.

Infelizmente, apesar da devoção ao seu Santissimo Coração, elle ainda não é amado como poderia ser amado e elle tanto desejaria ser amado como homem. É por este motivo que possuímos, recuamos - mas do Verbo Incarnado; porque setamos estas que se tivermos um nítido conhecimento deste ineffavel mysterio, se-mos-ha mais facil concebemos um grande amor para com a santissima Humanidade de J. Christo.

E sendo por certo, que não faremos injuria a Divindade, porque J. Christo é a Penha do Verbo divino, na qual vão pairar todas as homenagens que rendemos a nossa Santissima Humanidade; porque como elle mesmo disse; Philippe quem me rei, vi tambem o meu Pai celute.

Capitulo Sobre o Verbo Incarnado.

Tratando-se da intima natureza do Verbo Incarnado, é necessario admitir com a Fé Catholica que assim como o homem trivial, é constituido pelo alma e o corpo, e de tal forma que

se prescindimos de uma destas duas ³
substancias; o homem, como tal, não
podia subsistir em concreto; ora, assim
tambem, se prescindimos da Pessoa
do Verbo e da Humanidade de J. Christo;
o Homem Jesus, talqual como o conce-
bamos pelo sentimento da fé, não
podia subsistir em concreto. Porque,
como o homem trivial, resulta
da união substancial d'alma ¹²
com o corpo; assim tambem,
o Homem Jesus Christo, resulta da
união hypostatica da Pessoa do
Verbo com a sua santissima Hu-
manidade.

De sorte que, se o Verbo divino,
deixasse, por hypothese, de per-
manecer hypostaticamente unido
à Humanidade de J. Christo, elle
passaria a ser simplesmente um
homem como nós, converteendo
incomparavelmente mais perfeito
e privilegiado.

Ha, portanto, em J. Christo duas
naturezas, e uma só pessoa.

Ha duas naturezas; uma divina
que é commum as tres Pessoas di-
vinas, e um'altra humana re-
melhante a nossa.

Não obstante isto, não ha em J. Christo
duas pessoas; mas uma só e unica
pessoa; isto é, a Pessoa do Verbo
divino, a qual occupa o lugar
da pessoa humana; - que na Ho-
magem de J. Christo tambem existia,
um vez na Pessoa do Verbo, e ao
conceber - o Maria Santissima; o
Verbo divino, não assumisse a
natureza humana de novo ado-
rando Pater noster, unido - e a
ella hypostaticamente.

Capital J. Christo Liberdade Senhor
dos Cus e do universo?

Em virtude daquellas palavras: Data est mihi
omnis potestas in caelum et in terra, con-
fui J. Christo a Egipto o poder espiritual
e aos dirigentes civis, o poder temporal.

E a parte da Egipto quanto a parte espiri-
tual se estende a todas as nações e
não é circumscripta a esta ou aquella
nação como é o que elle conferiu aos
dirigentes civis. 23

Elle é, portanto, o chefe universal não
só da Egipto, mas ainda de todas
as nações existentes sobre a superficie
da terra; porque é d'elle que está es-
cripto: Tu me reges regnante.

E porque a reino de J. Christo não se
refere somente a terra, mas a todo
o mundo visível e invisível;

Elle é por esta mesma razão, o me-
ximo e soberano Senhor do universo, e
por conseguinte dos cus e das terras
que fluctuam nos espacos visíveis
e invisíveis.

E como supremo Senhor, é elle que
tudo rege e governa com poder uni-
versal e illimitado, e por conseguinte,
não só quanto a parte espiritual mediante
a Egipto; mas ainda quanto a parte
temporal, mediante os representantes
civis que regem a terra do governo
das nações.

E é por esta razão que nos obedecemos
a Egipto quanto ao que diz respeito
a vida eterna e tem intimo nexo
com a sua doutrina e disciplina,
que em sua origem são de insti-
tuição divina ou apostolica.

E é por esta mesma razão que nos
obedecemos e respeitamos as autori-
dades civis, no que se refere
ao fim pelo qual ella foi instituida.

Segui - a daqui, que todo e qualquer
dirigente que pretende dirigir e go-
vernar, sem cogitar em Deus, arroga-se
um direito que só compete a Deus, e
que ha-de, com o tempo, tornar-se
um despotismo, abusando por tyrannizar
e escravizar a humanidade pela força
bruta; porque dirá, senão com as
palavras, as mentes com os factos,
em nome da Deusa, em nome do Estado,
exigindo que se lhe tribute as ho-
magens que só são devidas a
Deus.

Dahi estas continuas reacções que
se traduzem pelas violências e cru-
rões dos indivíduos destas
sociedades sem Deus, sem Christo que
praticamente absteram-se por toda
a terra, envolvendo a humanidade
na revulsação de um enorme
rejeição.

A sociedade civil não pode, portanto,
preverir abster-se da Igreja
de J. Christo, porque ella é para
o organismo social, e que a alma
é para o corpo. ~~Deus~~ Porquanto
~~é de~~ a Igreja que communica
na poder temporal e nas virtudes,
e na força moral, e na qual
as instituições que constituem
a sociedade civil, não poderão
jamais conseguir o fim pelo qual
seu elles vivem na sociedade.
Porém também a Igreja, como so-
ciedade publica e universal, não
podem conseguir o fim pelo qual
J. Christo a instituiu, prescindindo
da poder civil. Porque o homem
não foi creado nem para sociedade
civil nem para a espiritual;
pois que antes estas sociedades foram
criadas por Deus, para que servissem
de meios para que elle cresse.

é por esta razão que o Papa é consi-
derado e é de facto um Soberano
espiritual e universal e os bispos
como tantos príncipes da Igreja
espiritual de J. Christo. Não é, por-
tanto, uma instituição ou socie-
dade vulgar, como tantas outras
civis e religiosas, cujo poder é
limitado pela soberania civil ou sedi-
ciária. Elle constitui, por conse-
quente um reino, umim reino,
monárquico, que se fund. na
reino dos céus, e cujo poder spiri-
tual, ultrapassa ao de todas
as instituições; porquanto seu
fim immediato, é a salvação
dos homens e a prosperidade
da Igreja de J. Christo aqui
sobre a superfície da terra.
J. Christo, portanto, ainda mesmo
como homem, é o Rei e Soberano
Senhor dos céus e da terra,
e o Summo Pontífice invisí-
vel da Igreja e ao mesmo
tempo o Rei e o Soberano
Senhor, absoluto e universal
dos céus e da terra. E como
tal, elle exige que, emquanto
a parte espiritual e ao que
tem intimo rapto com a sua
gloria e a salvação dos ho-
mens, todas as pões, todas as
nações, se submettem a sua
morar, a sua doutrina e en-
sino pela Igreja.

Daqui deduzimos a necessida-
de não dividirmos de uma consociação
entre a Igreja e as Estades, como
havia antes, ora, quando o Papa
exercia o poder temporal, como se
em virtude do direito das gentes;

Mas não, um vínculo de união, pelo qual, os limites ou as extremas fronteiras, d'este domo poderes, sejam determinadas; aporá de que as questões factíveis, possam ser resolvidas na intimidade, sem se prejudicarem quanto aos fins pelas quaes estas duas sociedades foram instituídas.

26.

E d'este convenio ou vínculo de união não podem absolutamente prescindir nem mesmo as nações que professam crenças contrarias, ou estam separadas da Egreja; porque ha entre os individuos que a constituem, regras, apesar de serem mais subditos, são tambem da Egreja, e tem deves a cumprir, que muitas vezes, constituiram um grande obstaculo para ambos os poderes, e debri estar tuctas atreitas, tão communs em nossos tempos, por falta d'este pacto ou convenio racial entre a Egreja e os Estados.

quize o seu fim supremo; isto é, Deus.
Paz e harmonia, segundo a economia
divina, não constitue um meio,
sem uma finalidade, em volta
da qual e para qual tanta a razi-
dade civil como a religiosa, tão-
de constituir com a sua activi-
dade, para o seu bem estar tem-
poral e eterno.

2

Capitulo I da Igreja.

A Igreja fundada por J. Christo
constitue a mais nobre e
nobre das instituições publicas,
porque a sua acção espiritual
se estende, não só para a
Christandade espalhada sobre a
superfície da terra, mas ainda
a Igreja purgante e triumphante,
espritos integrantes da Igreja mili-
tante, onde nós como rivos vi-
vemos, caminhamos em direcção
as duas primicias.

Ella é a mais nobre das insti-
tuições publicas e universaes, por
~~que é a unica~~ não só pela
sua origem, pelo seu fim e
os seus meios; mas ainda por
que é a unica instituição ou
genero, que se identifica com
a primitiva, pela sua origem
e a sua moral; ella é a unica
em que se verificam as attribui-
ções da moratoria Igreja fundada
por N. S. J. Christo para a salva-
ção das homems, quanto a sua
innocência, santidade, catholici-
dade e apostolicidade.

Ella é a unica que tem por seu
chefe visivel, o Papa e os bispos,
as quaes em união com o Bispo
de Roma o governam e regem
a Igreja universal de J. Christo
por aquos meios, para os seus fins.

Capítulo Sobre a maternidade de Maria 13
Continuação.

A mulher, segundo as leis naturais da humanidade humana, só pode conceber pela acção directa ou indirecta do homem. Mas não se segue daqui que a mulher não possa conceber senão por este processo commum e natural; isto é, sem a cooperação do homem; porque, sendo Deus omnipotente, pode produzir estes effectos, servindo-se das leis primarias, em virtude das quaes, as leis secundarias da fundação encontram a sua razão de ser e subsistir.

Logo, vejamos. A causa efficiente e material da luz, são estas e determinadas vibrações, que, segundo vibram no ether, dam-nos a sensação da luz.

Ora, o meio do qual geralmente nos servimos para produzir a luz, é a incandescencia, que determina no ether os movimentos vibratorios luminosos.

Mã obstante isto, podemos produzir estes mesmos effectos, sem recorrermos a incandescencia; imprimindo, isto é, no ether, directamente, as vibrações harmonicas que se obtêm diante a incandescencia.

E neste caso, nos servimos, não da causa determinante da luz, isto é, da incandescencia; senão da causa efficiente, na qual reside a razão de ser dos phenomenos produzidos pela incandescencia.

E foi precisamente o que se deu, em um outro ordm de cousas, com relação a fundição de Maria. Santissima.

Das que é consubstancial, tornou-se a se-
cunda, servindo-se, não já das leis
naturais secundarias que regem a
fecundação humana; mas sim, das
leis primarias ou que mais se appro-
ximam d'ellas, das quaes dependem au-
tor na sua razão de ser e subsistên-
cia as leis secundarias, segundo as quaes
a mulher concebe: ~~e assim~~

E foi o que se deu com Maria
Santissima que, sem concurso
de homem, concebeu o seu Filho
unigenito J. Christo; cuja Purôa,
pelo facto de ser a Purôa do Verbo
divino, affirmamos que ella é
Mãe de Deus; porque, desde o primeiro
instante que o concebeu; a Purôa
do Verbo divino occupou o lo-
gar que a purôa humana occupa
quanto a mulher segundo o curso
natural, concebe e dá a luz a
seu filho.

E é por esta razão que nos confessa-
mos e professamos com a Fi. Catô-
lica, que Maria Santissima,
pelo facto de ser Mãe de J. Christo,
avida que segundo a geração
que se effectua no tempo; assim
como, segundo a geração eterna,
J. Christo é Filho de Deus, querdi-
gendo seu Pai celeste na eternidade
semir é que, J. Christo, como ho-
mem, é filho de Maria Santissi-
ma, e como Deus, é Filho uni-
gerito de seu Pai celeste. Como
homem, elle não tem pai, por-
que o seu Pai é Deus; e como
Deus, elle não tem mãe.
Daqui deduzimos que Maria
Santissima é verdadeira Mãe de
J. Christo segundo a carne e o san-
gue; assim como nós somos

filhos daquelleas que nos duram o ser
material. Pois, para que a mulher
passa na realmente mãe de seu
filho, é necessario que ella o con-
ceba a quem o ser, por ella conce-
bido, passe pelas evoluções da vida
intra-uterina a quem o dá a luz.

O concebido, portanto, desta ou da
quellea forma, *est modus in rebus*,
que, naturalmente fallando, não
pode absolutamente atingir as
exigencias da maturidade.

Corno, de facto, nos o attestam
a fecundação de outras mus in-
feriores, tão differente somas das
outas tanto no reino animal como
no vegetal.

O haver Maria Santissima conce-
bido desta forma, constitue um
facto sobrenatural, ainda que
o podemos classificar entre os su-
per-naturaes; e ainda mais o ter
ella dado a luz, sem absoluta-
mente sa sua integridade vir-
ginal. Porque ao nascer J. Christo,
revestiu-se das qualidades dos
corpos gloriosos, e do illustre
virginal de Maria Santissima
sahir ao mundo, como mais
tarde, depois de haver resuscitado,
entrou e sahindo e sahir do
a portas cerradas.

Facto este, que alem de sobrenat-
ural, constitue um prodigio,
que só pode ser operado por
Deus, porque supera todas as
forças da natureza, ainda mesmo
da natureza angelica).

Segue - 2.º O Reino de J. Christo

Após que J. Christo, como que se revestiu da nossa natureza, para nos salvar e livrar do cativeiro de satanaz, não pôde haver quem considerando as arcas do seu amor, não se senta inclinado a descer e voluntariamente encarnar e pela sua sacrosanta Humanidade e não se esforce para unir-se intimamente com ella, foi aqui no tempo, recebendo o nos-
santissimo sacramento do seu amor;
para acabar de unir-se a elle definitivamente na eternidade.

Feliz cativeiro que nos facultta e assegura a mais ampla das liberdades, pela qual os Ceus e a Terra têm-se enfeitando desde a dia em que o Verbo divino se fez carne e habitou entre nós.

Sublime cativeiro, que, depois que o Filho de Deus ter-se supellido, em sua Humanidade as mais exuís provocações, arrebatada aos Ceus e nossa humanidade encarnada e intimamente unida a sua Humanidade e divindade, pela intelligencia e a coração, para apresentada como um triumpho insignes, colheu nos luctas travadas pela salvação dos homens, e por entre os applausos dos celestiaes como triumphos.

Sublime preciosissima de incomprehensivel alcance e merecimentos, que em cada um de nós se manifesta, quando, pelo amor de J. Christo e a salvação das almas, nos entregamos incondicionalmente ao seu glorioso cativeiro, tomando sobre as nossas hombros, a sua cruz, para, com elle encarnar e pelo amor a sua sacrosanta Humanidade, com elle morrer e ser crucificados.